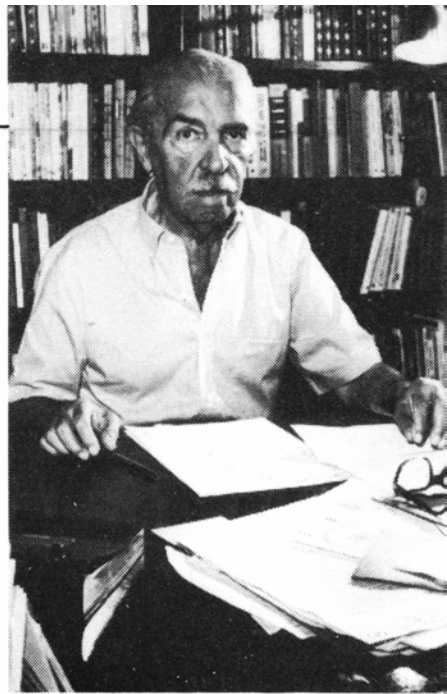

Aurélio: uma galáxia de palavras

Lêdo Ivo



LÊDO IVO é poeta, tradutor, romancista, crítico literário, e autor de, entre outros livros de poemas, *Central poética* e *Ninho de cobras*.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira amava as palavras. Amava-as como se elas fossem mulheres – e mulheres nuas, que se levantavam de suas camas imaginárias, vestiam-se de luz e de sombra, caminhavam ao seu encontro, distanciavam-se, juntavam-se e bailavam. E cantavam. A vida inteira ele escutou o canto interminável, vindo de todos os lugares: dos glossários arcaicos e dos poemas medievais, dos grandes dicionários dos seus antecessores, do vasto arsenal lingüístico e literário que convertia a sua biblioteca numa verdadeira ilha de tesouros, e especialmente da boca do povo, o mestre supremo da linguagem.

Poucos dicionaristas terão sido tão sensíveis aos falares e às gramáticas da arraia-miúda, que guarda o mais puro e o mais sujo da língua, já a casta revivescência galaico-portuguesa, já o fisiológico chulismo descabelado. Os ouvidos de Aurélio Buarque de Holanda estavam sismograficamente aparelhados para registrar a mais remota genuinidade e a mais florida transgressão nessas bocas analfabetas eternamente dotadas da mais invejável sabedoria, e que são os estuários de todos os passados em seu modo ao mesmo tempo individual e coletivo de exprimir-se.

Nascido nas Alagoas, e mais precisamente num povoado litorâneo – esse Passo de Camaragibe onde a paisagem era azul em excesso, e se plantavam canaviais até a beira do mar – Aurélio Buarque de Holanda Ferreira acumulou a superabundância lingüística guardada nessa parte do nosso país que, correspondendo ao Brasil velho, reteve em seus falares e dizeres o português renascentista do Descobrimento e da colonização – essa língua bellíssima que ainda hoje avança, como as ondas do mar, na prosa e na poesia dos seus poetas e romancistas mais fiéis à melodia primordial, essa língua cheia de cor, sabor e langor que é a nossa honra comum.

Entonces – para usar aqui o advérbio da mais alta vernaculidade ainda hoje vivo na boca do povo nordestino – entonces desde a meninice ele juntou palavras como quem coleciona búzios e estrelas-do-mar. As palavras foram as suas experiências. Era como se elas fossem paisagens, que se podia contemplar ou mesmo devassar.

No perfil intelectual de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira avultam pelo menos duas evidências – a de sua condição de autodidata e a de sua preocupação incessante com a dimensão imaginária da literatura. Ao contrário de tantos de seus confrades ilustres, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira jamais cursou uma Faculdade de Letras nem se aprimorou nos cenáculos universitários que conferem aos estudos e pesquisas da lingüística e da lexicografia as suas mais pomposas roupagens científicas. Tudo o que ele aprendeu, e aplicou em seu labor de lexicógrafo, foi por e em si mesmo, nos livros e nas bocas da vida. Deste modo, não teve mestre ostensivo, nem se filiou a uma nítida linhagem; os incontáveis mestres silenciosos da leitura o contagiaram com as suas lições preclaras.

Decerto esse aperfeiçoamento pessoal, iniciado na adolescência, e que o acompanhou até os últimos dias, realça ainda mais a valia de sua lição e legado, convertendo-o em exemplo limpo do que pode a vontade de um homem, a sua capacidade de transformar eventuais carências em qualidades e virtudes multiplicadoras, até alçá-lo à condição de mestre de si mesmo. E um mestre que possuía algo de fagueiro em seu saber e erudição, com a sua clara ciência tempe-

rada pelas cantigas dos ceguinhos às vezes obscenos das feiras nordestinas e pelo vento do mar alagoano. Isto porque em toda a sua vida intelectual Aurélio Buarque de Holanda Ferreira portou o seu raro e exemplar selo nativo. Em sua maneira de ser brasileiro e nordestino, fremia a condição de alagoano; de um alagoano que, sem a segura e a rústica rigidez gramatical de Graciliano Ramos e sem o espalhamento barroco de Jorge de Lima, ocupava um espaço nítido e próprio em sua sobranceira e efusiva alagoanidade.

Os alagonismos que juncam o seu grande Dicionário, e o tornam, pelo desdobrado frêmito popular que o atravessa, uma espécie de majestoso Romance Nordestino, com o seu sol e claridade, indicam a sua notável capacidade acumulativa. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira era como os banqueiros e poetas: sabia guardar. A esse inextirpável sentimento de poupança espiritual ele acrescentava o da atenção. Como certos besouros cujos élitros fitos testemunham a compulsão para captar os rumores mais imperceptíveis, ele sabia descobrir, tanto nos textos consulares como na prosa mais desdenhada, a abonação convincente. Em seu Dicionário, está sempre aquartelada a visão abrangente que ele possuía da escrita e da fala, e o levava a recorrer a referências que lexicógrafos mais provecos e ortodoxos teriam desprezado.

A leitura era, para Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, um prazer – e eu terei conhecido poucos leitores tão sensíveis como ele à dimensão deleitável da literatura. O seu livro de ensaios *Território lírico* comprova belamente seu poder de atenção. A interpretação estilística a que procede, espiolhando várias peças de nosso florilégio poético, embora vazada no postulado estético e de interrogação crítica de Dámaso Alonso, corresponde decerto a uma disposição genuína de leitura textual e contextual.

No dia de sua morte, eu estava em Londres – nessa Londres que ele tanto amava, e por várias vezes percorrera em companhia de sua mulher, Marina Baird Ferreira, escocesa de Belém do Pará. Uma amizade de meio século, a que não faltara sequer o desconforto das turbulências, encerrava-se naquele dia pálido de inverno.

The wings of life are plumed with the feathers of death

A reflexão de Sir Walter Raleigh dava sombra à minha dor pessoal. O dia inteiro carreguei comigo os numerosos Aurélios acumulados dentro de mim. Em minha lembrança, desfiliavam o alto e airoso alagoano afluente – ou “afluente” – que conheci na minha meninice, e se empenhava então em dotar Maceió de uma biblioteca pública; o nadador emérito; o professor insubornável que se recusou a aprovar o aluno que lhe trouxe, como gordo presente de Natal, uma galinha viva; o contista forte de *Dois mundos*; o apreciador das comezainas e bebezainas de alto coturno; o tradutor sempre em busca do termo exato no oceano inexto das linguagens; o antologista que, ao lado de Paulo Rónai, nos abriu o vasto horizonte do *Mar de histórias*; o contemplador da beleza das mulheres; o interlocutor de poetas, nomeadamente quando estes são lingüistas que não ousam dizer seu nome; e tantos outros Aurélios.

A tarde daquele funesto dia de dor calada me conduziu até a casa em que viveu o Doutor Samuel Johnson, na Gough Square. Diante da primeira edição do dicionário daquele que ficou para sempre a língua inglesa, ocorreu-me que Aurélio Buarque de Holanda Ferreira era o nosso Doutor Johnson. Em seu Dicionário, o português falado e escrito no Brasil – a língua diferente – fez a sua primeira e festiva aparição; e as mesmas palavras que haviam atravessado o oceano passaram a ser outras, como se para sempre as vestisse uma tinta nova e nativa.

A morte, mallarmeana, mudou-o em si mesmo e esclareceu o pequeno equívoco que aureolara o seu destino. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira não nasceu para fazer um dicionário, e sim para ser um dicionário. Para ser o aurélio, uma galáxia de palavras.